

DESVENDANDO O ESPAÇO BANAL: ESSÊNCIA COTIDIANA E O PROCESSO DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA ESPACIAL DOS AGENTES LIGADOS AO HIP-HOP EM SÃO PAULO-SP E SÃO LUÍS-MA

Unveiling the banal space: everyday essence and the process of spatial awareness of agents linked to Hip-Hop in São Paulo-SP and São Luís-MA

Desvelando el espacio banal: esencia cotidiana y el proceso de consciencia espacial de agentes vinculados al Hip-Hop en São Paulo-SP y São Luís-MA



Mauricio Moysés 

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E-mail: mmoyses@unicamp.br

RESUMO

O artigo analisa a essência cotidiana como noção para compreender a realidade geográfica, articulando materialidade, imaterialidade e resistência nos lugares. A metodologia inclui revisão teórica e diálogos com interlocutores em trabalhos de campo. Argumenta-se que ela estrutura o espaço banal e vincula a resistência à contrarracionalidade. Problematiza-se o papel do Estado e do planejamento urbano, questionando os limites da modernidade seletiva e da aceleração contemporânea. Por fim, reflete-se sobre práticas espaciais disruptivas que fortalecem a emancipação dos sujeitos e suas territorialidades.

Palavras-chave: Espaço Geográfico; Lugar; Cotidiano; Essência.

ABSTRACT

The article examines the concept of everyday essence to understand geographical reality, highlighting materiality, immateriality, and resistance in places. The methodology consists of a theoretical review and dialogues with interlocutors in fieldwork. It argues that everyday essence structures banal space and connects resistance to counter-rationality. The state's role and urban planning are critically examined, questioning the limits of selective modernity and contemporary acceleration. Finally, it reflects on disruptive spatial practices that strengthen the emancipation of subjects and their territorialities.

Keywords: Geographic Space; place; Everyday Life; Essence.

Histórico do artigo

Recebido: 20 fevereiro, 2025

Aceito: 24 março, 2025

Publicado: 16 abril, 2025

<https://doi.org/10.33237/2236-255X.2025.6883>



RESUMEN

El artículo analiza la esencia cotidiana como noción para comprender la realidad geográfica, articulando materialidad, inmaterialidad y resistencia en los lugares. La metodología incluye revisión teórica y diálogos con interlocutores en trabajo de campo. Se argumenta que la esencia cotidiana estructura el espacio banal y vincula la resistencia con la contrarracionalidad. Se problematiza el papel del Estado y la planificación urbana, cuestionando los límites de la modernidad selectiva y la aceleración contemporánea. Finalmente, se reflexiona sobre prácticas espaciales disruptivas que fortalecen la emancipación de los sujetos y sus territorialidades.

Palabras clave: Espacio Geográfico; Lugar; Cotidiano; Esencia.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo teórico-empírico, direciona-se para a mobilização de dois conceitos interdisciplinares, sendo a essência e o cotidiano. A ciência geográfica busca compreensão da realidade (concreta) dos lugares, e sem um pressuposto de método consistente, dificilmente se atinge este objetivo. Para tal, parte-se do entendimento do *espaço banal* (Santos, 1999; 2000a; 2000b), enquanto categoria para a compreensão do espaço geográfico.

É no *espaço banal*, contido de técnicas e normas, ações e práticas, de heranças e presentificações dos eventos, que todos os agentes, hegemônicos e hegemonzados, transformam de forma conflitante a realidade. É no espaço banal que objetos (*tecnosferas*) e ações (*psicosferas*) se contradizem e se complementam hierárquica e solidariamente nos aconteceres dos lugares e dos cotidianos (Santos, 1996; 2000a), a exemplo das grandes cidades e suas áreas metropolitanas.

Busca-se ler esse movimento, manifesto na essência cotidiana, definida como a tradução das manifestações de conteúdos geográficos (projetos, atividades, objetos, comunicações) nos lugares. A combinação desses elementos cria nas dimensões material e imaterial o conteúdo sensível contido na vida dos sujeitos e de forma autêntica nos vários contextos do lugar e nos usos que se faz do território. Dessa forma, apresenta-se como uma possibilidade para a ação e a busca pela libertação do ser nos lugares e de seu entorno (dinâmica social), como forma de expressão da subjetividade humana.

No horizonte de pesquisa, defende-se que a noção de essência cotidiana é o princípio de todo movimento no espaço. Por conseguinte, os esforços se concentram para



uma aproximação do conceito de lugar¹ em sua intimidade, ou seja, o seu cotidiano. É no cotidiano que o lugar se constitui como tal, independente de localizações, situações e visões de mundo. O cotidiano como uma dimensão espacial, porta em si uma essência que contribui na formação do sujeito em suas práticas e ações, mediados e outrora, produzindo objetos (artefatos das mais variadas finalidades). A questão é que no lugar há uma essência cotidiana.

O objetivo deste artigo é apresentar a essência cotidiana de forma propositiva como uma noção mobilizada, expondo a sua relação com o enraizamento nos lugares e o entorno, a existência do ser e dos sujeitos na vida cotidiana.

Antes mesmo de expor algumas reflexões à problemática da essência cotidiana, se faz necessário notificar aos leitores e até mesmo aos “intelectuais” de má fé que essa noção/ideia não se refere à essência do *ser em si* e *para si* da perspectiva sartreana², mas como a situação da qual o ser pertence, que é elementar para o reconhecimento de sua própria existência. Por exemplo, de fato, a essência do pobre não é ser periférico, ou do rico ser residente em condomínio fechado, ou vice e versa. Porém, suas respectivas existências correspondem à forma como construíram sua interpretação das realidades do lugar onde se vive.

Mas o que é a essência e o que é o cotidiano? A resposta para ambos os conceitos já se configura como a essência por si só. A busca por uma resposta que transmita a forma-conteúdo das coisas, revela a sua essência, seja na apresentação de suas características ou na adjetivação.

Pela essência, procura-se responder, primeiramente, à pergunta sobre o “o quê?” das coisas e também o “porquê” daquilo que está sendo observado. “O quê?”, nos remete à memória, à inquietação, à provocação delimitada pela própria resposta; e o “porquê” apresenta a essência do que não pode não ser, ou, o que se observa em sua realidade concreta (Abbagnano, 2007, p. 359).

O cotidiano, diz Milton Santos (2000a, p. 134), é “um tecido flexível de relações, adaptável às novas circunstâncias, sempre em movimento”. Porém, uma única definição do

¹ Segundo Santos (1996, p. 322), o lugar (um cotidiano compartilhado) “é o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”. Complementando a reflexão, no dizeres de Samira Kahil, o “lugar é ele mesmo extremamente complexo e contém já em si todas as possibilidades, por assim dizer, o mundo em preparação, de modo que não podemos prever todas as possibilidades. É no lugar que encontramos as propensões e tendências de realização do mundo”.

² SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. Tradutora: Rita Correia Guedes Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.



que venha a ser o cotidiano, ainda nos provoca mais investigações. A inquietação caminha para compreender: o que é necessário ao cotidiano ser o que ele é?

Para a realização da investigação como percurso metodológico, foi realizado um debruço em um conjunto de revisões bibliográficas, revisões teóricas (interdisciplinares) e trabalhos de campo em São Luís-MA e em São Paulo-SP, por meio de diálogos (entrevistas semiestruturadas) com sujeitos ligados diretamente à Cultura Hip-Hop³ em seus respectivos locais de ação. Dessa maneira, uma pergunta central foi feita a todos os interlocutores da pesquisa, sendo: de que forma o lugar em que você vive, forma a sua essência? A escolha pelo Hip-Hop como elemento para se articular a noção de essência cotidiana, compreende o objeto das pesquisas em desenvolvimento nos últimos doze anos; a sua relação de manifestação artístico-política e cultural nos lugares; e seu potencial de transformação socioespacial, especialmente nas periferias/quebradas das metrópoles.

A co-presença de ações e objetos na existência do entorno vivido e, sobretudo, um entorno próximo da realidade permanente do ser e dos outros, possibilita identificar que “os tempos e espaços do existir continuam envolvidos nas regras e nos limites do cotidiano” (Ribeiro, 2000, p. 23). Para tal compreensão, será discutida a constituição da noção de essência cotidiana que se dá a partir das dimensões do inapropriável, as dimensões informacionais e as dimensões da realidade. Por fim, a síntese reflexiva nas considerações finais.

2 NO COTIDIANO, A ESSÊNCIA: DIMENSÕES DO INAPROPRIÁVEL

Os elementos que estão contidos no cotidiano são essenciais à sua própria existência, ou seja, as motivações, os impulsos, as simultaneidades e as instantaneidade dos eventos, atos e práticas que promovem o seu movimento e dão conteúdo as inúmeras formas. Não há um espaço-tempo para a essência, mas sim para o cotidiano, e todos os objetos e as ações contidos nele, são propriamente a sua essência. Nesse sentido, pensar a essência cotidiana é se deparar com algo inapropriável para fins de mensuração, com o âmago de sensações e sentidos que dinamizam a vida. Operam-se maneiras (práticas sociais) que fazem aflorar o senso crítico, criativo e motivador do ser nos lugares. Conforme

³ O Hip-Hop constitui-se numa “cultura de rua” alicerçada basicamente por quatro elementos artísticos, sendo eles: o *Graffiti* (expressão gráfica), a *Street Dance* (movimentos cinemáticos), o *Deejaying*, *DJ* e o *Master of Ceremonies*, *MC* (ambos, exibições sonoras). Cada elemento, em seu significado, pode ser compreendido como uma dimensão da cultura oriunda das relações dos agentes com o meio urbanizado, fundamentado na escassez, na viração, na sobrevivência.



Simmel (2013, p. 253), “o homem em tal desenvolvimento pressupõe algo que lhe é externo”. Por isso, a exterioridade, ou propriamente, o entorno tem uma influência, diante das situações geográficas na constituição dos acontecimentos e eventos cotidianos.

O entorno provoca a busca por direitos. Direito ao lugar, à cidade, a acessibilidade, a mobilidade e a dignidade, ou seja, o direito de viver. Tem-se aqui, a dimensão cotidiana alicerçada em conflituosidades e tensionamentos, que nutrem a vitalidade pelo ato de movimentar-se e promover a ação. Milton Santos, chama à atenção para a questão do entorno e sua ecologia, onde “parte das reivindicações se refere a uma ecologia localizada, enraivecida e empobrecida, em lugar de ser o combate por uma ecologia abrangente, que retome os problemas a partir de suas próprias raízes” (Santos, 2012, p. 64).

Na racionalidade hegemônica, a ecologia do lugar e seu entorno confunde-se com os valores do modo de produção capitalista, sendo ele embutido do discurso da sustentabilidade que “por definição, é desrespeitador dos valores, desde os dons da natureza até a vida da [humanidade]” (Santos, 2012, p. 64). Perceber o entorno é considerar a presença do outro, manifestando-se do cotidiano ao lugar. Assim, se vê num conjunto de atos, maneiras de emergir sujeitos que afrontam a racionalidade hegemônica, dando origem a outras racionalidades.

O filósofo Bruce Bégout auxilia nessa trajetória ao se debruçar sobre suas reflexões referentes à *koinologia*⁴. Para o autor, o cotidiano é o:

[...] lugar por excelencia de las evidencias más naturales de nuestra existencia, de las creencias habituales, de las determinaciones tradicionales, de las esperas típicas, de las intenciones preestablecidas; en suma, lugar de todo lo que es vivido como normal e indiscutible (Bégout, 2009, p. 10).

Nesse momento cabe a reflexão: seria a essência cotidiana o sentido da vida que possibilita a própria existência?

Para captar essa noção foi fundamental a atenção do aspecto ideológico contido na realidade vivida. A ideologia aqui, compreendida como construção cultural, intelectual e simbólica, que transforma e reproduz as relações de poder. E não entendida como doutrina, mas como local de representação dos diferentes modos de expressão da realidade concreta. Dessa forma, foi apropriado a ideia contida na *ideologia do cotidiano* (Bakhtin &

⁴ De acordo com Bégout (2009, p. 12), “Con este término designamos el análisis filosófico de lo que es común y cotidiano. La koinología representa un estudio fundamental sobre la esencia de la cotidianidad, sobre sus orígenes y sus finalidades, sobre su práctica y sus medios”.



Volochínov, 2006), que se manifesta como os grupos de sujeitos se posicionam em suas realidades concretas, suas ações; como organizam a força de trabalho e o modo de reprodução da vida. Segundo Bakhtin & Volochínov (2006, p. 121), a “ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenados e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência”.

Os enunciados captados por da *ideologia do cotidiano*, tiveram utilidade para a maior compreensão dos contextos, dos atos comunicativos, dos significados, da ideologia nas ações como processo de formação dos sujeitos (interlocutores), atuando diretamente na vida cotidiana. E que ajudou a pensar o modo como lugar e o entorno têm peso para a constituição dos sujeitos em sua essência cotidiana. Nesse caminho, a atenção volta-se para a dimensão da percepção sensível, aprimorando a aguçada captação dos sentidos, onde as densidades comunicacional e social são mais notórias⁵.

A dimensão do inapropriável se define na subjetividade e na singularidade constitutiva dos sujeitos, como resposta ao lugar onde se habita, transita e se relaciona. Preocupada com o sentido do lugar e sua singularidade, Massey (2000, p. 184) afirma, “o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontra e se entrelaçam num *locus* particular”. A autora reitera que esse lugar, em seu sentido singular, é um lugar de encontro e salienta, “em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimento sociais”.

Os agentes ligados ao Hip-Hop nas quebradas de São Paulo-SP e em São Luís-MA dada às normas e leis próprias de seus respectivos lugares, resguardam suas táticas e estratégias próprias de suas vivências. O agir na necessidade, o agir na sobrevivência é um porto determinado, muitas vezes pelos momentos e instantes, sejam nos acordos com a comunidade local ou o poder público em um dia de ação, por exemplo, em um show musical em praça pública organizado pelo coletivo Xemalami no bairro Jardim Reimberg no

⁵ A densidade comunicacional resulta da escala/tempo da ação, da co-presença no cotidiano, que é repleto de conflituosidades e solidariedades entre os agentes da ação. “As relações comunicacionais [...] são geradas no lugar, e apenas no lugar, a despeito da origem, por acaso distante, dos objetos, dos homens e das ordens que os movem” (SANTOS, 1996a, p. 258), resultam das trocas internas e compartilhamentos mais extensos pelo território. É na esfera comunicacional que se define, por sua vez, a densidade social “produzida na fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado [...] movida pela paixão, e levando a uma percepção global, holista, do mundo e dos homens” (idem, p. 318), sobretudo nas metrópoles, cujos vínculos pessoais, intencionais e das contradições são mais intensos.



distrito do Grajaú na metrópole São Paulo; bem como em um manifesto artístico ou panfletário pelas ruas sob a liderança do Núcleo de Mulheres Preta Anastácias na Rua da Vala no bairro do João Paulo na cidade de São Luís, ou em uma comunicação truncada com a política militar em ambas as situações. O que o(a) sujeito(a) percebe, sente e age é próprio de sua constituição e do lugar onde se vive, sendo que mesmo consciente dos seus atos, não se negligência a espontaneidade. É dessa maneira que a essência cotidiana é inapropriável em termos de quantificação, não se pode tabular, equacionar para reconhecer sua densidade.

Dessa forma, esse caráter dinâmico, heterogêneo, portador de singularidades múltiplas, sobretudo, no período da globalização como se conhece, uma combinação de pontos de tensionamentos entre o mercado e quem o pensa de outra forma, como possibilidade. O contexto acima somente pode ser apreendido, ou melhor, compreendido pela via da categoria cotidiano, enquanto categoria geográfica.

Para Santos, o cotidiano é uma categoria da existência que “presta-se a um tratamento geográfico do mundo vivido” (Santos, 1996a, p. 315) que leva em conta os sistemas de objetos, os sistemas de ações, os artefatos técnicos (luminosos e opacos) e o tempo (rápido e lento) em seus acontecimentos. Sendo assim, o cotidiano é um “componente fundamental do espaço, uma estrutura de controle da ação, um limite ou um convite à ação” (Santos, 1994a, p. 103). O cotidiano “alcança uma dimensão maior e contém a história, a geografia, a sociedade e a natureza. A ideologia daí resultante é uma ideologia do cotidiano” (Silva, 1995, p. 28).

Nas palavras de Roberto Cara (1995, p. 71),

[...] el eje de lo cotidiano se desplaza em el tempo y em el espacio. Em esse sentido podría decirse que es diferente para cada indivíduo, y por tanto diferencial segun sexo, la edad, classe social, o por el contrario, lo cotidiano es lo mismo para todos; significa lo permanente, esse punto indiferenciado de tempo y espacio.

Sendo assim, o cotidiano é um motivador como categoria que sustenta as representações do espaço vivido, dos usos do território, da sociabilidade e territorialidades como dimensão espacial e temporal do dado global e local. Caminha-se para uma definição do cotidiano como a materialidade e imaterialidade que forma o espaço banal. Nele, o cotidiano torna-se a cada instante a abertura para a possibilidade, diante da sua espontaneidade (Santos, 1996b) que há nos lugares. Tem-se uma formação renovada de um conjunto interior das relações entre os indivíduos, sujeitos, agentes e os objetos que o



compõem, tais como, toda informação e comunicação externa em seu entorno. Dessa maneira, a própria existência do lugar, induz à formação de sua essência.

Por essência, pretende-se alcançar uma perspectiva geográfica, conforme o objetivo deste artigo. Essa categoria, pode-se dizer, assim como outras, é dotada de polissemia. Benne Den (2008), provoca a reflexão, ao afirmar que a essência é uma “combinação de arte e técnica” (p. 19), e vai além, “na essência somos por dentro o que somos por fora” (p. 25). Tudo bem que esse autor tem seu lugar de fala em suas reflexões psicoteológica, sem embargo, em uma interpretação por meio do método geográfico, é possível afirmar que arte e técnica são produtos das ações e dos objetos, das relações dos sujeitos com o seu lugar e a essência em si é percebida em sua forma-conteúdo, pois, o “espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais” (Santos, 1996a, p. 109).

A partir do método materialista histórico e dialético, os objetos da vida cotidiana aparecem como tal, pois é necessário capturar a sua força criadora. Sendo assim, sua origem é a sua essência e cabe à ciência desvendar o núcleo oculto que se encerra nas formas e investigar suas conexões mais íntimas (Carli, 2011). Um possível trajeto metodológico é perceber a forma, função, estrutura e processo que compõem a essência cotidiana; pode-se estender essa perspectiva para a análise da paisagem-movimento, tal como, aparência-essência que há nos lugares.

Diz Ranieri Carli (2011, p. 50), a história é o intervalo que há entre a essência e a aparência e pode completar a assertiva com a categoria da totalidade: tanto a essência quanto a aparência fazem parte da totalidade de relações que determinam o cotidiano. Ao dado da totalidade há no cotidiano o que há de mais atual na produção do espaço banal, e em sua essência, a predominância da relação entre o agente (sujeito) e o seu entorno, em outras palavras, é o fundamento das relações geográficas por excelência.

Outra importante contribuição para a ideia de essência na construção de uma leitura geográfica é atribuída a Coimbra & Leitão (2003). As autoras, focadas no modo de ser do indivíduo, tem o lugar (no horizonte da psicologia, esta categoria é atribuída ao território) enquanto suporte “produzido e produtor de subjetividades, o território [lugar] do saber-poder aponta, dentre outras, para algumas construções, como a da essencialidade e o modo-de-ser-indivíduo” (Coimbra & Leitão, 2003, p. 09). Sendo o lugar o constituinte de uma produção histórica, afirma-se em acontecimentos múltiplos que se manifestam em forma de objetos, fluxos e ações, do qual, incluído o movimento da sociedade, “sempre

estão sendo, sempre estarão se fazendo” (idem, 2003, p. 50) revelando o que é efêmero e heterogêneo em sua essência.

Quem se aproximou da ideia apresentada e pretendida neste artigo foi Kátia Martins (2019), ao refletir sobre a essência do lugar como apreensão do vivido. Inspirada na proposta teórica fenomenológica do geógrafo Yi Fu Tuan. Para Martins (2019, p. 59),

as essências dos lugares estão condicionadas as vivências adquiridas por cada sujeito em seu cotidiano e esta relação com o lugar, ou até mesmo nos “entre lugares”, não envolvem somente o lugar geográfico, mas também ambientes fronteiriços, pois as trocas e expressões culturais se fazem presentes sob diferentes formas.

Dessa maneira, há uma complementaridade entre fronteiras e formas que estão presentes, que passam a fazer parte do lugar em seu cotidiano. É notável que esses “entre lugares” é a expressão do entorno do qual se atribui valor à essência cotidiana. Em conformidade com Martins (2019, p. 59), “estes ‘entrelugares’ fronteiriços podem estar presentes nas ruas, nos bairros, nas periferias e centros das cidades, pois estes lugares simbolizam como espaços de expressão cultural”. Assim sendo, “cada sujeito tem uma percepção própria e individual sobre o lugar do vivido e estas apreensões vão depender das experiências construídas por cada sujeito ao longo da sua vida” (Martins, 2019, p. 93).

É nesse sentido que o entorno tem um peso, pois às dinâmicas de transformações do espaço e de seus subespaços (tal como a cidade, sobretudo, as metrópoles) estão expostas à modernidade seletiva, sendo assim produtos dessa modernização. Isso faz com que o entorno seja cada vez mais perceptível com a busca por direitos emanado da população. Ao seu lugar (base de enraizamento) e o entorno (influência material e imaterial para as ações) há um valor de seu chão determinado pelas relações sociais, mediante os seus usos. A “existência pode ser interpretada a partir das relações observadas diretamente entre os homens e entre os homens e o meio” (Santos, 2000a, p. 98).

A produção desigual dos lugares, a artificialização material e imaterial das relações têm um maior impacto no âmbito social, político, moral, econômico e cultural nos lugares. A tendência é uma alienação total do espaço. De outra maneira, perceber o entorno é reivindicar direitos tratando-se do ser em sua legítima existência e, sobretudo consciente do seu lugar, por que é quem o vivencia cotidianamente.

Captar a essência cotidiana é conceber a existência do ser. Sartre diz: “a existência precede a essência”. Porém, o filósofo se refere à existência e à essência do ser (indivíduo e sujeito). Antes que o ser reconheça e legitime a sua existência para assim formar a sua essência, há um lugar, cujo conjunto de objetos e ações que o definem é nutrido pela noção



que defende-se aqui. O existencialismo é referente ao ser e à sua subjetividade. O essencialismo compete ao lugar, ao cotidiano e à sua espontaneidade dos acontecimentos. “O existente é transitório; a realidade está em perpétuo movimento” (Carli, 2011, p. 57), assim como o espaço geográfico, em eterna metamorfose.

Conforme Bégout (2009, p. 12), “el carácter esencial de lo cotidiano no reside, sin embargo, en esta fenomenalidad particular – lo que se produce todos los días –, reside más bien en la génesis de esta manifestación”. O lugar em si é o espaço da racionalidade, ou melhor dizendo, das racionalidades. O que há é uma contradição que se complementa e sustenta o dado da realidade concreta da globalização que incide violentamente nos lugares, mas também, pontualmente a manifestação singular-disruptiva de uso do espaço banal. O ser (agentes por si só) tem no lugar e em sua essência cotidiana o reconhecimento da própria existência. Conforme Bégout (2009, p. 18),

[...] lo cotidiano constituye sin duda el elemento más poderoso de la existencia humana, aquel que funda el zócalo mismo de toda vida. En tanto que asentamiento mudo de toda experiencia, lo cotidiano posee una **densidad genética** notable, una estabilidad y tenacidad durables, algo que resiste de veras. Se trata de un cimiento de experiencia, formado de manera lenta pero segura por la acumulación autoconsolidante de los mismos hechos, hábitos y costumbres (grifo nosso).

Então, a ênfase está na *densidade genética* que há no cotidiano situado, que expressa a informação pertinente ao reconhecimento da existência do ser. Dessa forma, o lugar e o cotidiano revelam as suas forças. E tudo aquilo que está no seu entorno (exterior e fronteiroço) serve de catalisador para a formação dos agentes nos lugares. Nas palavras de Sartre (1970, p. 10), a humanidade é:

[...] tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que chamamos de subjetividade.

A subjetividade individual, ou por assim dizer, a subjetividade humana é o primeiro princípio do existencialismo. A subjetividade é definida pelo cogito, sendo a maneira de pensar do ser sempre e que será sempre para si e para o outro. Conforme Sartre (1970, p. 33),

[...] no cogito eu não descobro apenas a mim mesmo, mas também os outros. A través do penso, contrariamente à filosofia de Descartes,

contrariamente à filosofia de Kant, nós nos apreendemos a nós mesmos perante o outro, e o outro é tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência.

A posição desse “O outro”, do qual define Sartre, é interpretada aqui, como sendo a relação entre objetos, ações e o entorno. Esse conjunto de sistemas torna-se indispensável à constituição da existência do ser. O que existe são seres em si (objetos) e seres para si (ações dos agentes) como situação de reconhecimento de sua própria existência. Essa diferença e ao mesmo tempo complementaridade é importante para se compreender a partir do pensamento de Sartre como se dá a relação entre os sistemas de objetos e os sistemas de ações. O reconhecimento da existência do ser para si é um processo para a formação de sua própria essência. “É no cotidiano que nos tornamos observadores de nós mesmos e do próximo, isto vale dizer: do outro, dos outros e do mundo, portanto, do território” (Mesquista, 1995, p. 19).

Entre as encruzilhadas teóricas percorridas até aqui, depara-se com uma bifurcação. Identifica-se, ou se propõe definir, a presença de duas formas de essência: a cotidiana e a do agente (ser) amplamente discutidas nesta tese. Nesse sentido, a essência do ser para Sartre (1970, p. 08) é um “conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição”. Se o ser existe sempre para si e para a existência do outro, “há uma relação entre a subjetividade e a intersubjetividade, sendo nessa perspectiva que o homem decide o que ele é e o que são os outros” (idem, p. 33).

Portanto, é a partir da essência cotidiana que os agentes reconhecem as suas existências. Os mesmos ao conceber sua existência formam a sua essência (construção do ser). Lugar, cotidiano e a vida pulsada pelo entorno (dinâmica social) são a base geográfica para nossas investigações sem perder de vista o rigor do método nesse campo escorregadio e viscoso. Antes mesmo da formação das identidades, dos sentimentos, das ideologias, das funções, dos discursos, da moral, dos julgamentos, dos gostos, dos desejos, entre outros, na formação dos sujeitos (potencialmente indeterminados) há que se considerar a essência cotidiana. Assim sendo, na dimensão do inapropriável encontra-se na espontaneidade do lugar e na subjetividade do ser.



3 PSICOSFERA “DESCENDENTE” E PSICOSFERA “ASCENDENTE”: DIMENSÕES INFO-COMUNICACIONAIS DA ESSÊNCIA COTIDIANA

A discussão sobre a relevâncias da operacionalidade das *tecnosferas* e *psicosferas* são didaticamente apresentadas por Santos (1996; 2000a)⁶. O relevo está nas *psicosferas*, pois é um elemento central que conduz à ação. A forma como se qualifica, diferenciando-as em *psicosferas* “descendente” e *psicosferas* “ascendente” não se trata de deturpar o seu conceito original, mas evidenciar suas especificidades.

Nesse sentido, as dimensões orientadas pela informação e pela comunicação são centrais para a constituição da essência cotidiana. Informar é atribuir formas (seletivas), comunicar se concretiza na transmissão dos conteúdos selecionados. Em nossa época, as dimensões informacionais e comunicacionais vivem uma hecatombe por conta da aceleração contemporânea e “tem em sua essência uma dinâmica social” (Soares, 2005, p. 15035).

O espaço banal, como princípio de método, é arquitetado ao se partilhar a vida em comum na combinação inseparável de vetores de ordens externas e internas aos lugares no cotidiano. Em sua dimensão espaço-temporal, a totalidade do espaço banal é fragmentada, sobretudo, no período da globalização. Tal fragmentação, ocorre pelos diferentes níveis de seletividade no ordenamento dos territórios, implicando na produção desigual dos lugares e de seu conteúdo econômico, político, institucional e cultural (Santos, 2002).

Sem dúvidas, por um lado, há artefatos técnicos, ou *tecnosferas* (Santos, 1996; 2000a), tal como a *internet* e toda a sua infraestrutura, incluindo a publicidade, determinam a forma como as sociabilidades se dão nos lugares, deixando-os mais fluidos (ou não) e artificiais. Por outro lado, as dimensões informacionais e comunicacionais são produtos da *psicosfera* (Santos, 1996; 2000a), sendo a maneira como os comportamentos sociais e políticos se estabelecem. Dessa forma, pode haver dois tipos de *psicosfera*, enquanto produto imaterial, tratando-se de uma *psicosfera* “descendente” e uma *psicosfera* “ascendente”.

⁶ Diz Milton Santos (1996), que a “tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes, desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constituindo um dado local”. Por sua vez a “psicosfera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário”. No período atual, no nexo entre *tecnosfera* e *psicosfera* se situam elementos condutores para as transformações no espaço banal.

A psicosfera descendente é a variável info-comunicacional da ação hegemônica, que molda o espaço da racionalidade (Santos, 1994b), tornando os objetos e as ações cotidianas funcionais no domínio da regulação e da competitividade. Por sua vez, a psicosfera ascendente é variável info-comunicacional da ação contra-hegemônica, que assegura às contrarracionalidades nos usos do território, apropriando-se dos objetos mediante as ações e práticas de solidariedades que reagem à imposição do pensamento único e compõem a produção de subjetividades. Nas palavras de Coimbra & Leitão (2003, p. 09), “são, portanto, essas produções de subjetividades que constroem e definem as formas de pensar, perceber, sentir e agir no mundo, sendo forjadas pelos diferentes equipamentos sociais”.

O cruzamento dos vetores, a psicosfera descendente (verticalizadora) e da psicosfera ascendente (horizontalizadora), ocorre devido a transversalidade. E no eixo transversal, que se dá o nó, ou ponto das contradições, dos conflitos, das crises, das resistências, das cooptações, das cooperações e até das solidariedades (orgânica, organizacional e emocional) na dimensão info-comunicacional no cotidiano. As disputas e acordos pelos interesses internos a subjetividade de cada sujeito, somente se realiza em sua realidade concreta mediante essa condição.

Aqui cabem dois exemplos sobre a constituição da maneira de pensar (cogito) no relevo das psicosferas descendente e ascendente: um referente a quem formula e executa a pobreza estrutural-urbana; o outro, de quem cria estratégias e táticas para sobreviver e superar a pobreza estrutural-urbana. O pronominal “quem” indica o ser-agente protagonista de sua própria história. Por isso, há na essência cotidiana quem defenderá seus interesses/intencionalidades (concepção individual do outro) na formação subjetiva a mando do capital, e quem, ao contrário, resistirá a ele. Mas como diz Santos (1994b, p. 34), “seja o que for, parece, entretanto, que a base da ação reativa é o espaço compartilhado no cotidiano”.

Por exemplo, a relação com os agentes ligados à Cultura Hip-Hop em São Paulo e em São Luís-MA, nota-se as forças das psicosferas descendentes e ascendentes em diferentes perspectivas, mas que estão atreladas uma a outra. Atualmente, muito se diz que o Hip-Hop e o RAP, vivenciam o melhor momento, seja ele financeiro ou do próprio reconhecimento cultural e musical, com a máxima: a favela venceu. O discurso de uma psicosfera descendente, mais neoliberal não se encontra de fato, por entre os agentes que trabalham por essas culturas periféricas no Brasil, salvo as poucas exceções. Ao mesmo tempo e espaço, as áreas periféricas ainda convivem com a pobreza estrutural-urbana e a



omissão do Estado de direito no exercício para estimular e constituir a plena cidadania da população periférica.

Se observa um intenso processo de transformação da forma-conteúdo das densidades técnicas, normativas e informacionais que estão em litígio com as densidades comunicacionais, sociais e, sem demasiado, existenciais. A presença de um Estado excludente e a ausência de um Estado democrático, são mecanismos que subestimam o conjunto da população em uma curta temporalidade, em que os eventos revelam a confusão dos espíritos.

Tem-se nas psicoferas descendentes e ascendentes a influência exterior ao ser no cotidiano, a formação de sua essência de forma mais íntima. Assim sendo, haverá diferentes produções de conhecimentos nos lugares, alguns externos e internos a ele, tal como, o conhecimento empresarial, o acadêmico, o saber local e até mesmo o senso comum (salvo suas restrições). O modo de pensar do ser será um reflexo na forma do agir e seu entorno terá total relevância, pois é um dado da densidade social. O que tem valor é a “escala da ação eficaz baseada no espaço [onde] cresce o divórcio entre a sede última da ação e o seu resultado” (Santos, 1994b, p. 34). E isso, não pode perder o chão, ou melhor, o espaço.

4 A ESSÊNCIA COTIDIANA: DIMENSÕES DAS REALIDADES

A realidade não é única, múltiplas são suas formas e suas essências, tal como os cotidianos. As dimensões das realidades se formam com os cotidianos compartilhados. Cada lugar, independentemente de qual seja, impõe diferentes modos de toda experiência adquirida pelos agentes nas trajetórias de suas vidas na sociedade. Há aqueles que usufruirão e farão a manutenção de seus privilégios, tal como, a burguesia e de maneira audaciosa e à duras, as classes médias. No entanto, verifica-se um conjunto da população que convive com a escassez, a falta de acesso que procura cotidianamente superar certas violências estruturais como a pobreza, a fome e o racismo, cujo valor de sua virtude é a gana por dias melhores.

A esses dois conjuntos da população, frações da sociedade, mencionados acima, há uma densidade de experiências (situações, hábitos, costumes, tradições, entre outras) distintas (herdadas e/ou vivenciadas) que se dá conforme sua disponibilidade de tempo. Logo, refere-se ao tempo como sua escala de ação - duração dos eventos do qual participa



(Santos, 1994b; 1996a), incluindo os sistemas de objetos técnicos que mediam esse movimento.

Diz Santos (1994b, p. 79), o “tempo se dá pelos homens. O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do Mundo dentre de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada grupo, cada classe social, cada indivíduo”. Porém, quando o cotidiano é colocado em questão, o primeiro ato do ser é reforçar sua existência e dependendo dos vínculos com o seu chão, manifestar sua territorialidade.

Para Bégout (2009, p. 18-19), em cada momento, “un acontecimiento singular puede abrir una brecha en su forma sólida y constante, reintroduciendo así la inquietud original que ella consideraba haber erradicado”. Tratando-se das metrópoles urbanas, sob olhar dos *de baixo* (Santos, 2001), em um recorte espacial horizontal, menciona Santos (1994b, p. 79), a

co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numerosos e significativos o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado.

Na metrópole urbana, a todo o momento, pode eclodir um movimento sociocultural que romperá com o seu equilíbrio funcional. Pode ser, por exemplo, movimentos organizados de Hip-Hop, fluxos de pancadões de Funk, futebol de várzea, centro de produção e distribuição de alimentos orgânicos em hortas urbanas, cozinhas solidárias, cursinhos pré-vestibulares populares (comunitários), frente de mulheres pelo direito à moradia, entre tantas outras situações. Nesse caso, destaca-se as ações ligadas à Cultura Hip-Hop. Sua origem emana como uma inquietude, um desconforto e está no horizonte das extremas áreas periféricas, das quebradas, forçadamente denominadas, comunidades (Pereira; Castro; Cheibub, 2019). Nessas localidades, extensos *espaços opacos* (Santos, 1994b), cuja realidade é estranha, não-habitual, para os seus próprios moradores, pois convivem com o que há mais perverso do conteúdo informado pela globalização e que se contrapõe aos *espaços luminosos* (Santos, 1994b). Mesmo assim, há uma ideia de pertencimento como forma de não derrubar a sua autoestima diante de seu entorno, o qual é composto pela pobreza estrutural-urbana. O entorno também pode destruir o ego, o orgulho, por isso é necessário fortalecer o campo reflexivo⁷.

⁷ Reflexão adquirida a partir da leitura da obra “Pele negra, máscaras brancas” de Frantz Fanon. Para saber mais ver: FANON, Frantz [1925–1961] *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; título original: *Peau noire, masques blancs*; traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020/320 pp.



Nessa via, expressa Sartre (1970, p. 34), “é sempre necessário estar no mundo”. Nesse mundo, apresenta Milton Santos (1994b, p. 34), “a base da ação reativa é o espaço compartilhado no cotidiano”. O que conduz à essência cotidiana é a busca pela compreensão do lugar não apenas como uma materialidade (tecnosfera), em que os arranjos da vida cotidiana são atribuídos por quem controla as cidades, tal como, a lógica da especulação imobiliária, da gentrificação e da normatização da vida. Mas como um recurso da ação transformadora, da busca pela liberdade⁸.

De fato, não sei o quanto a liberdade reside em um horizonte utópico, contudo, a esperança reina ao encontrar na Política⁹ a tomada de consciência por parte da população inconformada com a ausência de progresso, ou mesmo, outras partes da população, das classes sociais e dos povos em comunidades tradicionais, “incomodadas” ou “não desejosas” de progresso sob as determinações políticas do período atual. Uma vez que, uma minoria do quadro demográfico, apenas está conformada em manter os seus privilégios. Nesse sentido, diz Santos (2000a, p. 115-116),

Uma filosofia banal começa por ser instalar no espírito das pessoas com a descoberta, autorizada pelo cotidiano, da não-autonomia das ações e dos seus resultados. Este é um dado comum a todas as pessoas, não importa a diferença de suas situações. Mas outra coisa é ultrapassar a descoberta da diferença e chegar à sua consciência.

Para Silvia Petersen (1995, p. 33), a:

[...] consciência que atribui significado aos fatos sofre efeitos das experiências a que está sujeito o ser social, e esta experiência é determinante no sentido de que exerce pressão sobre a consciência social existente, coloca novas questões.

Ao mesmo tempo em que o lugar se transforma e o sujeito acompanha esse movimento potencialmente vivido no cotidiano, por meio de suas escolhas e do seu engajamento. Esse é o ponto onde desejado!

⁸ “Esse reconhecimento é o caminho para a autonomia, mas pode ser também para a busca de posse e poder, conforme a escolha feita, quer individual, quer coletivamente” (Mesquita, 1995, p. 85).

⁹ “Pode-se dizer que, ao contrário da ordem imposta, nos espaços de fluxos, pelos atores hegemônicos e da obediência alienada dos atores subalternizados, hegemonizados, nos espaços banais se recria a idéia e o fato da Política, cujo exercício se torna indispensável, para providenciar os ajustamentos necessários ao funcionamento do conjunto, dentro de uma área específica. Por meio de encontros e desencontros e do exercício do debate e dos acordos, busca-se explícita ou tacitamente a readaptação às novas formas de existência” (Santos, 2000a, p. 111).

Em diálogo com os interlocutores da pesquisa, pelas quebradas do Distrito Grajaú, no extremo sul de São Paulo-SP e em bairros de São Luís-MA, seguiu-se com o intuito de identificar a presença da essência cotidiana. Um aspecto, ou elemento comum que merece ser salientado é que todas as pessoas nas trocas de ideias são integrantes da Cultura Hip-Hop e desenvolvem projetos pessoais e coletivos sob os princípios desta cultura popular.

Nos diálogos com os interlocutores, procurou-se compreender por meio do conteúdo do discurso¹⁰, sua realidade histórica enquanto sujeitos ativos; a realidade concreta e os princípios éticos, morais e sociais deste contexto; as diferentes apreensões de mundo; encontros de vida; e a reação-resposta aos outros. O foco direciona-se para a *ideologia do cotidiano* dessas lideranças sociais que atuam ativamente nas suas respectivas quebradas, em que foi apresentada a seguinte questão: como o lugar onde você vive e o seu entorno contribuem para a formação da sua essência? Abaixo é possível conferir os relatos:

“A essência é a parte fundamental, do Centro pra cá [Grajaú] você vem percebendo a mudança e os contrastes tá ligado? As relações, tá ligado? A geografia muda, a formatação do bairro, todas essas casas juntas você não tem intimidade nem pra namorar, tá todo mundo comprimido e sendo amontoado. Quanto mais pro fundão, maiores são as dificuldades, maiores são os problemas de relação, de fome, de acesso, de intolerância e o tratamento da própria polícia é diferente, na Paulista [avenida] é de um jeito, aqui é sem massagem. E o RAP [gênero musical] me deu essa visão da periferia, pois a gente tem que se dar conta da onde a gente tá e entender isso para ter uma postura mais sensata, mais responsável possível com a própria vida. O RAP foi fundamental!” - Drezz (Xemalami)¹¹.

“A rua molda e interfere na minha essência, independente de qual seja, a rua é a nossa essência, mas eu não tenho como explicar. Tudo é parte do amanhã” - Pepê “Pietra” Poeta Marginal¹².

“O meu entorno influencia completamente sobre minha essência, sobretudo, para fazer o meu RAP. Há uma coletividade muito grande no meu bairro e tudo isso me mudou completamente” - Nat 100 Vulgo (GrajaMinas e Produto Bruto)¹³.

“A minha vida está aqui no Grajaú, no Jardim Reimberg, daqui eu não saio. O que reforça essa essência são os encontros entre as pessoas com o lugar. É um misto de saudade do que ocorreu para pensar o que se pode fazer a partir disso. Serve muito de inspiração estar com as pessoas que são do seu bairro, que fazem arte, cantam RAP” - Lua Guimarães (Xemalami e Produto Bruto)¹⁴.

¹⁰ Não vamos nos ater às distinções dos gêneros do discurso que se constroem nas esferas de atividades e ações humanas.

¹¹ Diálogo de campo realizado com Drezz (Xemalami) na “La Toca”, no Jardim Reimberg, Grajaú, São Paulo-SP, em 10 de julho de 2022.

¹² Diálogo de campo realizado com Pepê na Praça do Reggae, Centro Histórico de São Luís-MA, em 5 de janeiro de 2022.

¹³ Diálogo de campo realizado com Nat 100vulgo no Jardim Reimberg, em 09 de julho de 2022.

¹⁴ Diálogo de campo realizado com Lua Guimarães no Jardim Reimberg, em 09 de julho de 2022.



“A gente cresce em quebrada com tanta coisa negativa... as abordagens policiais, amigos que se perdem no crime para sobreviver ou tirar uma renda e você vê um projeto como o Xemalami com o xadrez, vai vendo as pessoas da quebrada ajudando... eu perdi o meu pai cedo e minha mãe sempre a minha maior incentivadora... tipo assim, você vê a vida dos amigos, mesmo estando no mesmo lugar, cada um tem a sua vida. Às vezes ela é triste, mas você acha uma felicidade e isso é muito surpreendente. Essa essência talvez seja tudo isso, sobretudo, uma força de vontade da quebrada de fazer as paradas em conjunto. Se você vê a sua quebrada se desfazendo com momentos trágicos, você acaba perdendo o gosto pelo seu bairro. O negócio é você fazer alguma coisa para mudar, seja uma atividade cultural, ou alguma coisa que consiga reunir as pessoas para fazer algo em conjunto. Quando todo mundo se reúne é muito bonito de se ver, certo, e mostra a força que tem! A essência é a coletividade” - Hyt (Xemalami)¹⁵.

“É fundamental o lugar onde a gente vive, eu praticamente nasci aqui, eu conheci o Hip-Hop aqui, e aqui há uma questão muito forte que é a presença do CCN (Centro de Cultura Negra). Então, eu fui criada na batucada, mas foi a partir do Hip-Hop que eu me reconheci como preta. Aqui na Rua da Vala, que na verdade é chamado de Rua da Malária, mas é a favela do João Paulo. É uma favela que está no principal centro comercial de São Luís. Olha pra cá [cerca Iraque no muro de um convento], isso é uma divisão física, e eu aprendi muita coisa com isso, pois é uma divisão física. O meu pai foi marceneiro aí [convento]. Sabe aquela música: Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar Foi um tempo de aflição Eram quatro condução Duas pra ir, duas pra voltar¹⁶. Eu vejo o meu pai nessa música. Então eu sinto na pele, talvez se eu não estivesse aqui, talvez eu não teria me jogado tanto no mundo. Quando eu era criança eu tinha que passar por dois colégios privados para ir à escola e os moleques me xingavam, pois sabiam que eu era da Rua da Vala. E isso me provoca. Mesmo com essa questão que tentam me definir, eu cheguei na Universidade. O meu cotidiano aqui é tráfico, droga, violência, solidariedade, é o alagamento quando chove que faz parte do que eu sou” - Preta Lu (Quilombo Urbano e Núcleo Preta Anastácia)¹⁷.

As ideologias cotidianas¹⁸ expressas nas falas de interlocutores revelam a maior proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida no espaço banal. Na comunicação da vida cotidiana (Damiani, 2011), o sujeito do ato enunciativo mostra-se ativo, em seu estado de consciência, realiza o possível dentro do que é necessário, bem como demonstra sua incompletude, pois está situado na realidade, mas não é limitado por ela, tem ações responsivas frente as causas herdadas, projetadas e ao inesperado. Os sujeitos em suas condições concretas de existência reelaboram suas experiências e ações. O sujeito e seu discurso se constituem no agir, na relação de alteridade e intersubjetividade do entorno.

¹⁵ Diálogo de campo realizado com Hyt (Xemalami) no Jardim Reimberg, em 09 de julho de 2022.

¹⁶ Zé Geraldo. Cidadão. Zé Geraldo. Sony Music Entertainment (Brasil), 1979.

¹⁷ Diálogo de campo realizado com Preta Lu na Rua da Vala, João Paulo, São Luís-MA, em 12 de janeiro de 2022.

¹⁸ Conforme Bakhtin & Volochínov (2006, p. 121), “os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem”.



Nas periferias urbanas, onde a experiência da escassez é gritante, as práticas e as ações dos agentes conduzem a tomada de consciência. Como diz Sartre (1970, p. 27), “a realidade não existe a não ser na ação” sob “influência do meio” (idem, p. 29), que terá como possibilidade a escolha de suas decisões. O sujeito ao ter consciência de sua existência tem por exercício de sua liberdade a construção da própria ação no âmbito individual (subjetivo) e coletivo (intersubjetivo).

Conforme Mesquita (1995, p. 85), “a consciência, que é o reconhecer-se como sujeito, faz-se a partir do contato com o outro, com os outros, e nas múltiplas relações que com eles mantemos”. A depender do grau de envolvimento que se estabelece com o lugar do qual se partilha a vida em comum e da espessura da escala das ações, há formas de anular o vazio dominado pela ignorância capaz de promover uma situação criadora, uma possibilidade à ação. Na visão de Sartre, essa provocação da tomada de consciência é produto da geração de um sentimento de angústia do ser para si, definindo-se na manifestação do engajamento. O autor supracitado e os interlocutores da pesquisa provocam ao afirmar que “a escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher”.

A metrópole (seja em São Luís-MA ou em São Paulo-SP) é a concretude de materialidades e sociabilidades, resguarda em diferentes representações dos modos de expressão da realidade. Assim, afirma-se que há uma temporalidade do agir na sociedade e nas dimensões espaciais. O período da globalização, impõe às diferentes formas de agir nas temporalidades. O tempo das grandes empresas difere-se do tempo do cidadão comum com sua rotina diária, inserido no mercado de trabalho. O agir global e local incidem sobre a metrópole, onde se exige velocidade, mas que coexiste com a lentidão dos objetos e das ações de cada grupo, agente e sujeitos.

A segregação que há nas metrópoles na existência dos *espaços luminosos* e dos *espaços opacos*, segue uma mecânica repetitiva dos planejadores e planos urbanos. Nos *espaços luminosos*, o ímpeto da velocidade globalizante é perverso, estimulado pela competitividade e imagens fantasiosas (fabulações da vida). Nos *espaços opacos*, a intensidade da lentidão local se dá pela coexistência, sendo nutrida pela solidariedade e a realidade em si (nua e crua). E dessa lentidão que os agentes comuns, sobretudo os pobres, adquirem sua força.

A origem do sujeito e/ou coletivos corporificados deriva-se de diferentes temporalidades a curta, média e longa duração, ou seja, em diferentes escalas de atuação. Constituem-se no tempo lento - tempos das ações não-hegemônicas; em contrapartida ao



tempo rápido - tempos das ações hegemônicas e hegemônicas. Conforme Santos (1994b, p. 42), em sua permanente dialética, há o conflito dos tempos dos atores hegemônicos e dos atores não-hegemônicos ou hegemônicos. É assim que se definem, a partir do uso do espaço e do tempo, os cotidianos tão diversos...”.

MCs, rappers e hiphopeiros se formaram e são formadores de lideranças locais que delimitam suas fronteiras sociológicas e geográficas. As múltiplas faces de um mesmo sujeito transitam na dimensão do agir em diferentes temporalidades e escalas, atribuem forma a esses agentes, mesmo com visões de mundo distintas, há buscas pelo mesmo propósito com potencial em suas práticas e ações para a formação de uma rede de sociabilidade (D'andrea, 2013; Silva, 2018).

Outro ponto, são as condições geográficas do Distrito do Grajaú em São Paulo-SP e em bairros periféricos de São Luís-MA, se destacam pelos seus aspectos expressivos da formação socioespacial brasileira, sendo o adensamento populacional, a composição da população economicamente ativa, o descaso com a educação, o desemprego, o aprofundamento da pobreza urbano-estrutural, bem como as manifestações do RAP e do Hip-Hop nessas áreas periféricas como movimentos contrarracionais, podendo assim serem vistos, como sinônimo de resistência que é nutrida pela essência cotidiana.

Sabe-se que nenhum grupo de sujeitos representa a totalidade de um movimento. Exceto quando, a totalidade do movimento é o próprio grupo/coletivo. Tudo é definido levando em conta os propósitos manifestados por esses sujeitos. A prática cotidiana revela a ação dos grupos sujeitos, tal como foi exemplar, as lideranças que possibilitaram os diálogos iminentes do Distrito do Grajaú em São Paulo-SP e das quebradas de São Luís-MA. Tal prática marca o engajamento no ato questionador e criativo como forma de superar as violências estruturais contidas na pobreza estrutural-urbana, um artifício da racionalidade única.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da essência cotidiana - uma combinação de razão e emoção, do ordinário e do banal – buscou-se aproximar dos nexos da realidade e das formas de manifestação nos lugares, sendo processos e elementos para o despertar da consciência na formação dos cidadãos comuns aos sujeitos coletivos. Como pode ser visto, de forma exemplar, em trabalhos de campo, os sujeitos ligados à Cultura Hip-Hop em suas respectivas situações. Sendo esses, sujeitos da resistência que buscam romper com a ignorância, mantendo a

esperança e a conquista da liberdade, bem como outros olhares e interpretações na perspectiva geográfica sobre a realidade.

Ao longo desta reflexão, demonstrou-se que a essência cotidiana – e suas dimensões -- exposta e aplicada como uma noção mobilizada, representa potencialmente a relação com o enraizamento nos lugares e o entorno, a existência do ser e dos sujeitos na vida cotidiana. Este artigo é uma síntese de uma pesquisa mais abrangente e em processo. Viu-se que a essência cotidiana se dá como uma expressão de conteúdos geográficos (objetos, ações, fixos, fluxos). O conjunto desses conteúdos, forma uma combinação material e imaterial sensitivamente contida na vida do ser, que se manifesta com veracidade nas diversas situações do espaço que foi praticado, está sendo praticado e será praticado. E falou-se, da tentativa, de todos os conteúdos (dada a sua delimitação) e todos os agentes que compõem e contribuem para a dinamização do espaço banal.

A qualificação do debate caminha em defesa da presença nos lugares e maneiras de senti-lo. Estar nos lugares, inicialmente, não é uma questão de escolha, pois se existe nele. No entanto, definir, desejar, inquietar-se com o lugar em que se está é partir para um campo de disputas, entre qual dado diferente produzirá uma potencial transformação no âmbito racional e contrarracional da sua própria realidade, pois permite aos sujeitos em sua tomada de consciência o olhar para si, para o outro e seu entorno próximo, ou seja, a co-presença, a coexistência nos lugares.

É a partir dessa relação de co-presença que os anseios, necessidades, propostas e ações conduzem a reivindicação e ao exercício da cidadania de forma consultiva, participativa e deliberativa frente às problemáticas da metrópole em seu estado de crise, e assim, contribuir, como por exemplo, promover políticas públicas ao bem comum. Nessa encruzilhada está o reino da esperança.

A esperança se resume em não somente crer, mas colocar em prática nos lugares, uma situação ou uma realidade outra. Desta forma, o reino da esperança se edifica na ação dos sujeitos coletivos e coletivizados. Assim, é necessário internalizar o olhar geográfico para o cotidiano, pois é nele que as manifestações da totalidade (realidade concreta) se incidem e se edificam. O universal e o singular formam o par dialético na compreensão do período atual.

Cabe abrir novas agendas de pesquisa que conduzam teórica e metodologicamente a percorrer e desvendar algumas inquietações a partir da essência cotidiana, tal como: Na perspectiva da ação do Estado, do planejamento territorial e urbano, como a atenção para outras práticas gestoras podem ser ofertadas para superar a situação



imposta pela modernidade seletiva ou pela aceleração contemporânea? Quais políticas públicas ou ações autogestoras coletivas emanam do olhar para o cotidiano em sua essência? A construção de um outro, e até mesmo, a aplicação de iniciativas não percebidas podem conduzir a esse reino desejado? Quais os sentidos da essência cotidiana na produção do espaço e do cotidiano hegemônicos onde emanam os extremismos políticos?

Os questionamentos ou mesmo, horizontes investigativos, precisam cada vez mais serem ancorados em pressupostos de métodos da Geografia e de diálogos afins, interdisciplinares, que colaboram para aproximações de respostas mais aprofundadas. E elas apontam para as territorialidades urbanas.

Para aqueles que olham com ceticismo a ênfase na resistência dentro da Geografia, nada do que foi colocado é novidade. Entretanto, é necessário refletir se há referência a uma verborragia epistemológica? Acredita-se que não. Ao enfatizar a resistência, ou melhor, retirar o fetiche de suas *práxis*, reconhece-se a sua arquitetura, se tem em vez de uma ideia, um conceito geográfico que possa ser utilizado com propriedade, tal como, a contrarracionalidade. “Os lugares, desse ponto de vista, podem ser vistos como um intermediário entre o Mundo e o indivíduo” (Santos, 1996a, p. 314) no cotidiano. Para isso, é necessário reconhecer a existência do ser, o valor de sua essência cotidiana e atentar para a tomada de consciência no período atual, uma combinação de globalização e formas de resistência ao pensamento único.

AGRADECIMENTOS

Os mais sinceros agradecimentos ao PROCAD Amazônia – UEMA/UFGA/UNICAMP pelo financiamento deste estudo, sob a coordenação dos professores doutores Cláudio Eduardo de Castro, Cristiano Nunes Alves e Adriana Maria Bernardes da Silva; aos interlocutores da pesquisa; e aos pesquisadores Carlos Salazar e Glaycon Souza pelos primorosos debates no Grupo de Estudos do Espaço Banal (GEEB).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1. Edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. A interação verbal. In: BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 112-130.



BÉGOUT, B. La potencia discreta de lo cotidiano. **Persona Y Sociedad**, Universidad Alberto Hurtado, Vol. XXIII, Nº 1, 9-20, 2009.

D'ANDREA, T. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. Tese (doutorado em sociologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.

CARA, R. B. Território do cotidiano (pontos de partida para reflexão). In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

CARLI, R. Essência e verdade: duas categorias do método em Marx. **Prometeus** - Ano 4 - Número 8 – Jul./Dez./2011.

COIMBRA, C.; LEITÃO, M. B. S. Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades. **Psicologia & Sociedade**; 15 (2): 6-17; jul./dez. 2003.

DAMIANI, A. L. (2011). A cidade (des)ordenada e o cotidiano. Revista do Departamento de Geografia, 9, 107-116. <https://doi.org/10.7154/RDG.1995.0009.0010>

DEN, Benne. **Essência**: mapeamento da personalidade. Itapaj Masters Divinity Center, 1ª Edição, 2008.

KAHIL, S. P. Uso do território: uma questão política. In: Encontro de Geógrafos da América Latina. 10. **Anais...** Universidade de São Paulo, março de 2005, p. 7193-7204.

MARTINS, K. S. **Identidades e territorialidades construídas nos bairros Campinho e Baianão em Porto Seguro e suas cartografias de vida**. Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade - PPGES Universidade Federal do Sul da Bahia, 2019.

MASSEY, D. B. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MESQUITA, Z. Cotidiano ou quotidiano? In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

PEREIRA, R. M.; CASTRO, C. L. de C.; CHEIBUB, B. L. Favela ou comunidade? Como os moradores, guias de turismo e outros agentes sociais compreendem simbolicamente o "Morro" Santa Marta (RJ)? **Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte**, v. 6, n. 3, p. 23-36, set./dez. 2019.

PETERSEN, S. R. F. O cotidiano como objeto teórico ou o impasse entre ciência e senso comum no conhecimento da vida cotidiana. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.



Ribeiro, A. C. T. A natureza do poder: técnica e ação social. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online], v. 4, n. 7, 2000.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996a.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M. El territorio: un agregado de espacios banales. **Boletín de Estudios Geográficos**, Cuyo, n. 96, p. 87-96, 2000b.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2012 [1987].

SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 2, 1999.

SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Edusp, 2009 [1994a].

SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, n. 21, p.7-192, agosto de 1996b.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 1. Ed; Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Edusp, 2008 [1994b].

SANTOS, M. Uma ordem espacial: a economia política do território. **Revista Geoinova**, Revista do Departamento de Geografia e Planejamento Regional, Lisboa, n. 3, 2001.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradutora: Rita Correia Guedes
Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SILVA, A. C. da. Ponto de vista – o pós-marxismo e o espaço cotidiano. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. IN: **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/UFRS/Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

SILVA, D. V. dos S. **Uma fita de mil grau**: o movimento Hip Hop na construção de identidades culturais e afrodiáspóricas. Dissertação (mestrado), Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2018.

SIMMEL, G. Da essência da cultura (1908). Trad. PASTI, H. B. **Ideias**, Campinas (SP), Edição Especial, nova série, 2013.

SOARES, G. de C. Cotidiano e liberdade. Apontamentos para uma pedagogia do lugar. In: **Anais...** Encontro de Geógrafos da América Latina, 10. – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, 2005.

